

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

| | | |
|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa | Director—BRANCO RODRIGUES ——— Redactor—ALVARO COELHO | PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis |
|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|

AS INSTITUIÇÕES PARA OS CEGOS EM PORTUGAL

I. Asylo de cegos e aleijados de Cellas

Em 1892 a Junta Geral do districto de Coimbra resolveu fundar um asylo de cegos e aleijados, para o que possuia um capital de 3:960\$000 réis nominaes em obrigações prediaes de 4 1/2 por cento. O regulamento foi approvedo em sessão da Junta de 28 de abril de 1892, e o asylo abriu-se em 5 de julho do mesmo anno com 5 asylados.

O asylo, estabelecido no dormitorio novo do extincto convento de Cellas, recebe cegos incuraveis e aleijados com deformidade congenita ou adquirida que os impossibilite de marchar regularmente.

A admissão é feita mediante a apresentação de documentos que provem: 1.º, ser o requerente natural do districto de Coimbra, ou residir nelle ha mais de dois annos; 2.º, ser pobre e não ter parentes obrigados a alimentá-lo e em condições de desempenharem este encargo; 3.º, ser cego ou aleijado.

A admissão é regulada do modo seguinte: do concelho de Coimbra podem ser admittidos 12 cegos ou aleijados; do concelho da Figueira da Foz, 8; do de Montemor-o-Velho, 5; do de Cantanhede, 4; do de Soure, 4; do de Oliveira do Hospital, 3; dos de Arganil, Condeixa e Tabua, 2 de cada um delles, e dos concelhos restantes, 1 de cada um, devendo pre-

ferir-se para cada concelho os cegos aos aleijados. Completada a admissão e havendo possibilidade de a augmentar, o augmento deve fazer-se observando a proporção indicada.

O pessoal do asylo é composto de: um director effectivo e um substituto; um facultativo; um mordomo; um creado e uma creada.

O rendimento do fundo proprio era insufficiente para a manutenção do asylo e a Junta Geral era obrigada a fazer a maior parte das despesas com as suas receitas proprias. Extinctas as Juntas Geraes pela reforma administrativa de 6 de agosto de 1892, passou para a Camara Municipal de Coimbra a administração do asylo, e essa corporação representou ao governo acêrca da insufficiencia dos recursos, e em 1893 um despacho (10 de junho) concedeu-lhe um subsidio de 595\$840 réis.

Em 19 de julho de 1899 foi esse subsidio elevado a 1:500\$000 réis, o que, com os rendimentos proprios, produziu a quantia de 1:805\$530 réis, da qual se despenderam nesse anno 1:771\$936 réis.

Parte desta verba foi empregada em melhorar a situação dos asylados que, a julgar pelas seguintes palavras do presidente da Camara, o sr. Manuel Dias da Silva, devia ser bem pouco agradavel:

«Em 8 de janeiro de 1899, ao visitarmos pela primeira vez o asylo em companhia do respectivo vereador, deparámos com uns alquebrados velhos, mal calçados e sem meias, com calças e casacos de linho ou de cotim tiritando de frio. Os lençoes e os cobertores eram deficientes, lenços e toalhas de rosto quasi não havia¹».

As condições do asylo parecem ter melhorado desde então, e hoje os seus rendimentos, que teem crescido desde a fundação, representando já um capital de cêrca de 10:000\$000 réis, permitem augurar-lhe uma vida mais desafogada num futuro proximo.

Para ella concorreria muito a introdução do trabalho manual para os asylados aptos, que della aufeririam uma retribuição condigna. Esta lhes faria esquecer um pouco a miseria da sua situação.

Coimbra tem nas suas industrias locaes algumas que são perfeitamente adequadas para o cego; lembramos, entre outras, a dos palitos e a cestaria.

¹ Relatorio sobre as contas da gerencia municipal de Coimbra no anno de 1899, apresentadas á Camara Municipal em sessão de 1 de março de 1900 pelo seu presidente Manuel Dias da Silva. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900, pag. 60.

Empreenda a Camara Municipal uma tentativa desse genero e bem terá merecido o reconhecimento dos cegos portuguezes.

Eis o movimento dos asylados desde a inauguração até 31 de dezembro de 1899, extrahida do relatorio acima citado ¹:

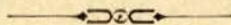
| Asylados | 1892 | 1893 | 1894 | 1895 | 1896 | 1897 | 1898 | 1899 |
|---------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Existiam em 1 de janeiro | | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 12 | 19 |
| Entraram durante o anno | 9 | 4 | - | - | 1 | 7 | 9 | 3 |
| Falleceram..... | - | 4 | - | - | 4 | 4 | 2 | 4 |
| Abandonaram o asylo | 1 | - | - | - | - | 2 | - | 4 |
| Existiam em 31 de dezembro..... | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 12 | 19 | 20 |

Resumo

| | |
|-----------------------------------------|----|
| Entraram | 30 |
| Falleceram..... | 6 |
| Abandonaram o asylo | 4 |
| | 10 |
| Existiam em 31 de dezembro de 1899..... | 20 |

Não distingue o relatorio os asylados cegos dos aleijados. Por informações collhidas pelo director deste jornal sabemos que dos 30 asylados recolhidos desde a fundação até 1899, 10 eram cegos; hoje tem o asylo 5 asylados dessa natureza.

ALVARO CORLHO.



ESCOLA GRATUITA DE CEGOS E CRIANÇAS POBRES DA CORUNHA

A nação nossa vizinha não descurou como nós o ensino dos seus cegos. Já em 1839 possuia uma escola para elles em Barcelona fundada pela respectiva municipalidade. Possui segundo dados recentemente publicados ² 15 escolas frequentadas por cêrca de 420 alumnos. A esse numero temos a acrescentar aquella de que nos occupamos hoje.

¹ Relatorio, etc., pag. 61.

² Pothoff, *Espagne*. «Situation des anormaux», artigo na *Revue internationale de pedagogie comparative*. Anno I, n.º 5, 1899, pag. 260-283.

O ensino ministrado nessas escolas resente-se dos defeitos que são inherentes aos povos peninsulares, portuguezes e hispanhoes: o desejo de ter no ensino methodos especiaes, e inventá-los sem se importar com o que ha já feito, o que na maioria dos casos revela ignorancia, que se doura com essa phrase banal, ouvida a cada passo: «Isso é bom no estrangeiro, para nós não serve!»

É tal essa mania pseudo-inventiva, que no campo da typhlogia se pode exercer largamente, que leva o Sr. Pothoff a dizer com razão: *Diz-se muitas vezes que a Hispanha é um país pobre mas com relação a systemas de escrita para cegos e musicographias é de uma riqueza tropical*¹. Quando uma instituição não possui um systema proprio faz pelo menos algumas modificações no adoptado. Pensando-se neste chaos, pergunta-se se nos devemos rir ou encolerizar-nos.

Abstrahindo desses defeitos é para louvar o zelo com que os nossos vizinhos, Estado e particulares, se occupam da causa dos cegos.

É assim que graças á philanthropia do presbytero, o Sr. D. José Maria Salgado, possui a Corunha uma escola de cegos desde 1895.

O Sr. Salgado tem consagrado grande parte da sua vida publica á fundação de instituições de caridade. Exercia em 1886 o cargo de capellão de artilharia, na Corunha, quando se deu a revolta de setembro; pediu baixa e partiu para a America do Sul, habitando ali em Buenos Ayres e Montevideu, onde prestou relevantes serviços aos seus compatriotas emigrados.

Não esquecendo nunca a sua patria, o Sr. Salgado não deixou passar alli sem commemoração os nomes gloriosos de Mendes Nuñez e Christovam Colombo.

Em Montevideu foi um dos fundadores do bairro Gallego cujos nomes de ruas lembram os filhos celebres daquela provincia.

Voltando á patria fundou em 1893 a expensas suas a Escola gratuita de creanças pobres da Corunha á qual annexou em 1895 a escola de cegos.

A escola de creanças pobres, mantida com os donativos de pessoas caridosas, educa um numero indeterminado de alumnos que oscilla entre 60 e 100.

¹ Em Portugal onde o ensino dos cegos se inicia apenas, ha já tambem uma musicographia especial, alem da tentativa de implantação entre nós de um systema de escrita e de uma musicographia hispanhoes.

Para estabelecer a escola de cegos solicitou o Sr. Salgado do *Ayuntamiento* um subsidio que lhe foi concedido e fixado em 500 pesetas annuaes; com quantia igual concorre a *Deputacion provincial*.

Esses subsidios são porem insufficientes para a manutenção da Escola.

O professor desta é o Sr. Luciano Caño y Lamas, cego, que foi alumno do *Collegio Nacional* de Madrid durante treze annos, e que é um bom musico: toca piano, violino e flauta.

A escola occupa uma casa antiga sem adaptação especial e é um externato. Possui um material muito limitado: apenas algumas pautas Braille, um raphigrapho e instrumentos de musica.

Actualmente é frequentada por oito alumnos.

Foram muito apreciados os resultados do ensino nas provas dadas na Exposição regional, realizada em dezembro de 1896.

ALVARO COELHO.



CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O MELHORAMENTO DA SORTE DOS CEGOS

SUMMARIO DAS MEMORIAS E COMMUNICAÇÕES¹

Quarta questão

Dentro que limites e por que meios a escola primaria dos videntes pode servir para o desenvolvimento intellectual das creanças cegas?

1.—Gustavo Delarue (Paris)

Um certo numero de creanças cegas quando são admittidas aos dez annos na escola especial, foram votadas até essa occasião a um tal abandono que o trabalho se lhes torna muito difficil, por vezes mesmo impossivel.

Entretanto essas creanças não podem ser admittidas antes dessa idade na escola especial; por outro lado, raras vezes os paes se podem occupar

¹ Continuado do n.º 6.

da sua instrucção. Deveriam pois, enquanto esperam melhores condições, começar a frequentar a escola primaria ao mesmo tempo que as creanças videntes. Aproveitariam as lições oraes e poderiam mesmo aprender o systema Braille, pois que algumas horas de estudo bastariam ao professor para tomar conhecimento desse systema. Nas grandes cidades, como se faz em Londres, uma professora de cegos viria ensinar a ler e escrever as creanças cegas que seguiriam o resto da classe com os outros.

2.—Irmão Isidoro Clé (Bruxellas)

A escola primaria dos videntes é mais nociva do que util ao cego. O professor não pode occupar-se seriamente delle sem faltar aos seus deveres para com os outros: da parte dos seus companheiros, soffrerá alternadamente a influencia do desprezo e da piedade, da tyrannia ou da protecção, com grande offensa do sentimento da sua dignidade pessoal.

Tem aptidões musicaes? Não é na escola primaria que elle poderá desenvolvê-las. Da mesma forma pelo que respeita a aprendizagem de um officio manual.

Até á idade que lhe permitta entrar num instituto, a creança cega deve ficar entregue aos cuidados da mãe ou ser confiada a uma escola maternal quando esta existir.

3.—Charles Legrand (Toulouse)

Em caso nenhum a escola primaria dos videntes poderia substituir a escola especial.

Á falta desta ultima, pode dar ao cego algumas noções geraes, abri-lhe o espirito, numa palavra, pois que poderá aproveitar, pelo menos, a parte oral do ensino. Alem disso, tirá-lo-ha do isolamento, da miseria moral.

Ter-se-hia feito um grande progresso se o cego pudesse adquirir na escola primaria o conhecimento de um systema em relevo de leitura e escrita.

4.—Irmão Médéric (Orleans)

Vantagens que haveria sob o duplo ponto de vista physico e intellectual, em fazer sair cedo da familia a maior parte das creanças cegas enviando-as á escola primaria.—Obstaculos que muitas vezes se oppõem a isso.

A presença de uma creança cega numa classe seria puramente passiva?—Inconvenientes.

Essa creança deveria, ao contrario, tomar parte activa nos trabalhos dos seus companheiros?—Dificuldades. Meios de as vencer em parte.

Dentro que limites a creança cega poderia aproveitar a frequencia de uma escola primaria?

5.—Molina Martin (Madrid)

Os estabelecimentos actualmente abertos aos cegos hespanhoes só ministram a instrucção especial á pequenissima proporção de 1,48 por cento desses desgraçados.

Todas as creanças cegas deveriam pois, como recommendam diversos decretos ministeriaes, frequentar a escola primaria.

Para que elles aproveitassem bastante dessa frequencia, sem atrazo para os alumnos videntes, bastaria: que os professores empregassem nas suas aulas o methodo Frœbel; que todos tivessem frequentado o curso de Pedagogia especial professado na Instituição nacional dos cegos de Madrid. Esse curso facultativo, até ao presente, apenas foi frequentado por 2,38 por cento do numero total dos professores hispanhoes.

6.—Soror Reverdy (Montpellier)

A educação da creança consiste no desenvolvimento das suas faculdades. Ao vidente, o olhar dá rapidamente a concepção do conjunto; o cego não poderá adquirir essa noção senão acostumando os outros sentidos a substituir aquelle que lhe falta.

Ora a instrucção, na escola primaria, é quasi inteiramente baseada na vista: modelos na ardozia, cartas geographicas, etc. Para ser util ao cego o professor deverá pois ser coadjuvado por uma ou mais pessoas que conheçam os methodos especialmente apropriados ás creanças cegas. Nessas condições, o alumno cego aproveitará o ensino ministrado na Escola primaria, e, alem disso, tirará as vantagens que dá aos cegos o contacto com os videntes.

7.—Branco Rodrigues (Lisboa)

Os cegos não podem receber nem a educação, nem a instrucção em commum com os videntes. São-lhes necessarios livros, instrumentos parti-

culares, uma escrita especial. Os alfabetos imitados do Braille, mas em caracteres romanos, são, na sua maioria, inaceitaveis. Um só systema musical, um unico alfabeto conveem aos cegos: os de Braille.

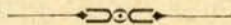
O cego de nascença vivendo num mundo á parte, a vida em commum com os videntes ser-lhe-hia nociva, ou pelo menos, inutil. O cego tem necessidade de um officio para ganhar a vida; este é muitas vezes a musica: poderá aprendê-la com os videntes, pelos seus systemas?

A admissão dos cegos nas escolas primarias complicaria muito o trabalho dos professores.

Em resumo, elles teem direito a um ensino especial, mas em escolas especiaes.

Traduzido por F. A. COELHO JUNIOR.

(Continua).



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Der Blindenfreund—Jahrgang XXI, nº 4, 15 April 1901. Düren. Summario: *Weihnachtsmotette* (Moteto de Natal), Karl Hahn.—*Zu den vier noch nicht gelösten Fragen bezüglich des Druckes von Büchern für deutsche Blinde* (Acêrca das quatro questões ainda não resolvidas relativas á impressão de livros para os cegos allemães), Brandstaeter.—*Blindgeboren* (Cego nato), El. K.—*Rückblick auf die Verhandlung zur Prüfungsfrage* (Lance de olhos retrospectivo sobre a discussão do modo como deve ser organizado o exame de habilitação), Lembcke.—*Vermischtes*.—*Aus der Tagespresse* (Variedades. Da imprensa diaria).

The Blind—Occasional Paper, nº 14, April 20th, 1901. Londres. Summario: *Editorial*.—*Notes*.—*Recent Literature*.—*Should the Training and Education of Blind children be entrusted to Blind Teachers? If to, so what extent?* Illingworth.

Le Valentin Haüy—19^{me} année, nº 4, Avril 1901. Paris. Summario: *Le cubarithme*, G. Pérouze.—*L'Institut des aveugles de Budapest*, G. M.—*Chronique de l'Association*.—*Courrier de Saxe*.—*Liste des facteurs et marchands de pianos aveugles de Paris et des départements*.—*Correspondance*.—*Nouvelles et renseignements*.

L'Amico dei Ciechi—Anno XXV, nº 190, Aprile 1901. Florença. Summario: *La firma dei ciechi*, Armando Eram.—*La Biblioteca circolante Romana*.—*Un ingegnere cieco*, Helmina Segerstedt.—*La machina Hall*.—*Spigolature Estere*.—*Notizie varie*.

Correcção

Na pag. 20 deste volume, lin. 20 e 27, pag. 23, lin. 10, e pag. 31, lin. 28, onde se lê «pschyasthenicos» leia-se «psychasthenicos».